

## ÁGUAS REVESSAS – CONFLUÊNCIAS DA MEMÓRIA, LITERATURA E HISTÓRIA

Fabiana Bigaton TONIN<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho apresenta a proposta de recuperação da obra inédita de memórias de Alberto Rangel, através da edição dos dois primeiros volumes de suas *Águas Reversas*. Nessa obra, procuramos, além do resgate da escrita do autor, de sua produção memorialística e literária, a reconstrução de um painel histórico-literário do final do século XIX e início do século XX.

**ABSTRACT:** This article aims to present part of a recovery project from Alberto Rangel unpublished work, more specifically, his memories compiled in *Águas Reversas*. Our target in this major project concerns the editing and publishing of the first two volumes of memories (from a set of five books), trying to save not only a set-up of a narrator, character and witness of its own history, place and country, but also rescuing from oblivion an important piece of Brazilian literary-history panorama in the end of the 19th and begin of 20th century.

### 1. INTRODUÇÃO

A proposta central desse projeto é recuperar parte da obra inédita de Alberto Rangel, escritor de tendência simbolista-impressionista, mais especificamente, seus cinco volumes de *memórias*, a obra *Águas Reversas*. Dentre tantos esquecidos e esquecimentos, trazemos à tona esse autor, Alberto do Rêgo Rangel (1871-1945): “historiador”, prosador, autor “marginalizado”, posto que a crítica cita-o, quase sempre, à sombra de outros. Fala-se dele também como “discípulo” de Euclides da Cunha, ou autor daquela que figura como a sua obra mais conhecida, o livro de contos *Inferno Verde* (1908). Entretanto, esse escritor, “representante incorrigível do conservadorismo romântico – simbolista e do antimodernismo” (Hardman, 1998: 187), de obra hoje tão obscura e desconhecida, em sua prosa, seja a ficcional – mergulhada em cores e tons fortes da poética simbolista, mas com substancialidade própria, estilo marcante –, seja a histórica ou a de *memórias*, merece ser retomado através da literal “descoberta” de sua obra.

Nessa ampla e “esquecida” obra, reconhecemos a riqueza do repertório do contista, biógrafo, historiador, a erudição que inunda seus escritos e, descobrimos, além da ficção e das obras de cunho histórico, a força de seus escritos autobiográficos: trata-se do painel multicolorido de personalidades, fatos, acontecimentos – em especial, os literários – que compõem os cinco volumes inéditos das suas *memórias*, *Águas Reversas*. Assim, a proposta que aqui apresento é um primeiro momento de recuperação dessa obra de Alberto Rangel, em específico, dessas *memórias*, através do estabelecimento do texto definitivo para publicação dos dois primeiros volumes. Os originais – apresentados em duas versões – encontram-se depositados no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro e já

---

<sup>1</sup> Mestranda em Teoria e História Literária pelo Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP.

houve um primeiro movimento de reorganização por Francisco Foot Hardman, em projeto do CNPq (1992-1994)<sup>2</sup>.

O trabalho que executo compreende os seguintes passos:

- I. *Estabelecimento do texto definitivo dos dois primeiros volumes para publicação*
- II. *Elaboração de notas*
- III. *Elaboração de um estudo/ensaio sobre **Águas Revessas***

Assim, através da recuperação – e por que não se dizer, da *redescoberta* - da obra desse autor, proponho um primeiro passo de retomada dessas *memórias*.

## 2. **ÁGUAS REVESSAS: MEMÓRIA, HISTÓRIA, LITERATURA**

Em cinco volumes inéditos, estão reunidas as *memórias* do escritor e intelectual Alberto Rangel: são, além dos quadros da vida do autor, impressões e registros de todo um período de intensas mudanças no Brasil e no mundo, testemunhos do indivíduo e do intelectual ciente da força de suas palavras. *Águas Revessas* apresenta-se como texto saboroso, longo, fluente, repleto das cores nacionais e da erudição característica de seu autor. Seus volumes compreendem a vida do autor de sua infância passada no Recife, Rio de Janeiro e São Paulo até o abandono da carreira militar em 1900, grosso modo. Mais que mero relato da vida do autor, da descrição de seus feitos, dos acontecimentos familiares e cotidianos, tais *memórias* podem ser compreendidas, como bem indicou Francisco Foot Hardman como “*esplêndido mosaico sobre vida literária entre 1870 e 1910*” (vide nota 2). Esse mosaico faz-se pelas narrativas intercaladas das impressões pessoais, dos testemunhos sobre figuras capitais de nossa literatura como, por exemplo, Júlio Ribeiro e Euclides da Cunha, bem como de desconhecidos aos quais Alberto Rangel confere apreço e valor, como o poeta Ezequiel e sua musa e também poeta Narcisa Amália (Rangel, A. *Águas Revessas* [obra inédita], volume I, Capítulo 27). Escritas dos meados dos anos 30 até o início da década de 40 (1937-1940), os volumes atestam não só as “impressões”, mas documentam momentos ímpares da história nacional e internacional, sempre com amplas reflexões e observações personalíssimas do autor. Mesmo tratando-se de *memórias*, que se propõem a um certo cunho documental-histórico, o autor sempre surpreende com seu olhar muito particular, suas observações de cunho poético que transfiguram o “real”, o “documental” em seu texto, tirando-lhe qualquer tom banal, corriqueiro.

Ora, é preciso que se diga que tratando de um livro de *memórias*, é preocupação central entender como a *memória* de um autor (que pode ser considerado o *narrador* e *personagem central*, simultaneamente – LEJEUNE, 1975) se constrói. Essa faculdade, dom, recuperação do que foi vivido, reconstrução de percepções do passado, está impregnada das visões do sujeito vivido – por exemplo, as primeiras e pungentes experiências do indivíduo: o olhar da criança assustada e desafiada a superar um medo, a

---

<sup>2</sup> HARDMAN, F.F. “Fantasia e passado: as *memórias* inéditas de Alberto Rangel (1871-1945)”. Campinas: IEL/Unicamp, Brasília: CNPq (Projeto de Pesquisa, 1992). HARDMAN, F.F. “Memória, ficção e história em Alberto Rangel (1871-1945): um farfalhante na contracorrente do modernismo”. Campinas: IEL/Unicamp, Brasília: CNPq (Projeto de Pesquisa, 1994).

percepção confusa por várias mudanças, relativamente freqüentes de cidade, as impressões terríveis da escola, a dor pela morte do irmão ou ainda quando da morte do pai – bem como a presença do sujeito do presente, do adulto que reconstrói e impregna o discurso que retoma o passado com sua formação, sua ideologia atual – o que se pode perceber, por exemplo, quando Alberto Rangel aprecia a poesia do poeta Ezequiel, ou quando se refere, no último capítulo do volume 1, à importância da oralidade enquanto suporte para preservação de narrativas, da própria cultura de uma época. Tais observações e enquadramento só são possíveis ao *narrador adulto* que pretende juntar as “pontas do tempo”.

Assim, o fenômeno da *memória* não diz respeito à mera recuperação do passado, mas mostra-se como uma construção intelectual, e no caso do presente texto e sua elaboração, poderíamos dizer, uma construção literária, uma permanente elaboração da linguagem e da experiência. Assim, se há a completa impossibilidade de recuperar, de reviver o passado (dificuldade que pode ser comparada à do historiador – BOSI, 1979), a experiência de lembrar, seja no registro oral, ou no escrito, como é o caso aqui estudado, constrói-se na *releitura*, em que se acrescentam à memória pessoal (falha, incompleta), a memória do grupo, da família, da sociedade, que preenchem as falhas do *eu-narrador*. Por isso, antes de se esperar um “documento absoluto” de um período, é preciso o cuidado com o que é, literalmente, reescrita personalíssima, o que se poderia chamar de “construção do mundo das memórias”, posto seu exercício de re-enfoque, preenchimento, organização do vivido no espaço e no fluir do texto.

Diante dessas breves observações, nota-se como é importante ler e analisar as *Águas Revessas* como painel que mescla certa construção histórica, de valor, ao relato da testemunha que deseja lapidar seu passado, dar ao vivido belas cores, mas também documentar: ao olhar peculiar de um intelectual que pinta suas lembranças com as cores fortes de sua experiência, em especial, soma-se, indelével o exercício literário. Trata-se de compreender o fazer da memória como complexa teia de fios de lembranças, história do país, de um indivíduo central (o *eu – narrador e personagem*) e a construção literária que inunda o texto. No *Incipit*, abertura da obra, encontramos o narrador empenhado nessa elaboração, num apanhado geral do exercício de “elaboração da memória”, recorrendo a exemplos como Rousseau para legitimar seus escritos. Nesse capítulo de abertura, nota-se que o *eu* que fala no texto, o *narrador*, coincide com o intelectual que dará sua vida como tema e, portanto, será o *personagem* central, ainda que nem sempre o mais focado em sua obra.

Assim, parece-me fundamental, ao executar o estudo proposto na introdução desse projeto, que se analise a construção do *narrador-personagem* nas *Águas Revessas*, tomando em consideração os diferentes momentos de sua vida e de sua obra. A exemplo disso, podemos esboçar algumas considerações. No primeiro volume, temos o autor na roupagem de um narrador que tenta recuperar a singeleza do olhar infantil. São narradas desde as raízes longínquas da família até os fatos típicos da infância: as lembranças da(s) casa(s) e dos pais, irmãos e parente; as brincadeiras; a entrada na escola e os desgostos e desventuras infantis. Nesses momentos de sentimento infantil, longe de ser um narrador ingênuo, percebemos uma voz saudosa, sensível, porém ponderada, contida em exclamações, ainda que derramada nas imagens fantásticas e exuberantes, como no capítulo 30, do volume I, “*A chuva e o cabeleireiro*”, momento de suave beleza no texto. O narrador, então recuperando suas angústias de crianças, fala de dois fatos

representantes de sua liberdade aprisionada: a obrigação de ir ao cabeleireiro e a proibição de brincar na rua em dias de chuvas – o que o fazia ficar à janela e invejar o menino que brincava nas poças, longe do olhar proibitivo da mãe. Ora, o narrador de *Águas Revessas* faz questão de transpor mesmo a visão infantil para o registro sóbrio, poético, rico; as suas impressões são sempre enriquecidas pela consistência de um saber intelectual que, como já disse, é intrínseco ao estilo do autor.

Transcorrem, portanto, como esse tom suave, porém firme e retocado pela voz experiente, os setenta capítulos do primeiro volume, em que reconhecemos o olhar do menino já amparado nos ombros e, talvez na saudade triste, do homem que escreve e recupera a experiência de seus primeiros anos. Terminando o volume com a narrativa da morte do pai, Quincas, e algumas reminiscências sobre a perda, a obra segue em trinta e quatro capítulos no segundo volume, mais breve e de enfoque mais concentrado no início da experiência militar, nas vivências na Academia da Praia Vermelha no Rio de Janeiro. Impedido de seguir a carreira jurídica, por limitações de ordem familiar e econômica, o jovem *narrador-personagem* vê-se na Academia Militar. Os capítulos transcorrem apontando a decepção, os desejos frustrados e, ao mesmo tempo, a adaptação ao regime da academia militar, a descoberta de novos amigos e companheiros como será a figura de Euclides da Cunha. No capítulo 19, nosso narrador, a partir da experiência do tempo que dói e machuca, questiona sua passagem, mas também, reflete sobre toda construção da memória:

Qual, porém, a exata e completa indicação dessa efemeridade, o dia certo do atropelo e mergulho do jovem, assentando a praça no Corpo de Alunos da Praia Vermelha? Quem não conhece a preocupação de frisar as datas, agulhas sempre perdidas no palheiro da memória, e por vezes tão difícil de achar, mesmo quando constituem importantes referências da insignificante existência, consumida nos azares do seu triste borbotão? O Pequeno Polegar [ateava] nas pedrinhas que lhe marcavam o caminho. Sem calendário não há historiador que se respeite, as obscuridades de ontem se perdem em encruzilhadas indetermináveis, o passado vira num labirinto. Em tal dia assim, assim o padre Manuel da Nóbrega, a chamado do Donatário, partiu para Pernambuco... Tendo a esquadra holandesa, em que vinha o coronel Waerdenburch, a tanto de tantos, sido vista pelas atalaias da costa... Seria no milênio tal, o mês e o dia bem certos, que Bonaparte escreveu a Maria Luiza, deixou a Ilha d'Elba, foi fígado no "Bellorofonte"... Datar é pôr uma estaca neste infinito que nos vai engolindo. E estendermo-nos no espraio da vaga imensa, para instantaneamente medir-lhe as dobras e balizar-lhe os acidentes da voragem... (Rangel, A. *Águas Revessas* [obra inédita], volume II, Capítulo 19)

Essa bela observação sobre o tempo, o "datar", nos dá belo exemplo da consciência de um *personagem* que se vê crescendo e cujo discurso é sempre entremeado pela voz mais experiente do *narrador*, que embora lhe coincida como indivíduo, supera-o como vivência intelectual cristalizada.

Há ainda, além da voz testemunhal do narrador, trazendo as novas experiências da vida militar, os momentos de diálogo precioso com o seu então passado – leia-se aqui, com fatos do primeiro volume. Por exemplo, coincidem os péssimos sentimentos em relação à escola, antes terrível em sua disciplina rígida, sufocante, "*prisão*", e "*equivoco do ensino jesuítico de então*" (capítulo 46) – capítulos 40 a 51, volume I, reavivados e realçados pelo sujo, imundo, multidão de percevejos e outros imundos insetos, como dito no cap. 26:

O Estado inventaria um ensino mirandolésco e não nos dava ao menos a cama limpa, nem a mesa aceitável e bem posta. O Brasil preparava os doutores de espada, chafurdando-os no regime

alimentar de uma senzala ou enxovia! É verdade com certos oficiais, encarregados da administração do Rancho, tinham nas suas mesas, em casa, tudo aquilo que nos faltava. Os fornecedores do Estado sempre souberam arranjar as coisas, de modo a se fartarem de todos os lucros, amansando, mimando e enriquecendo os que os fiscalizavam...(Rangel, A. *Águas Revessas* [obra inédita], volume II, Capítulo 26)

O narrador desse segundo volume parece, à semelhança do indivíduo que representa, mais amadurecido, seguro dos fatos relatados, afinal, temos agora o jovem, impelido à direta participação indelével no mundo adulto, embora haja rompantes de indignação, ponteados por certa frustração. No capítulo que fecha esse segundo volume, “Amor à Tribuna”, temos o comentário perspicaz sobre o periódico da academia militar do qual o autor nunca participou, questionando o valor “literário” da publicação, tendo em vista a instituição-berço.

Por esses breves apontamentos, penso que se faz notável a importância e validade, em primeiro plano, o estabelecimento definitivo do texto de *Águas Revessas*, bem como a anotação de citações e fatos, a fim de que se torne possível aprofundar algumas reflexões aqui propostas e elucidar a construção desse *narrador* complexo, fantástico, que nos brinda com a riqueza do painel brasileiro, vividos tão intensa e literariamente. Mais que documento ou autobiografia, temos aqui um belo texto literário, cujo valor merece ser destacado e trazido à apreciação pública.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ARRIGUCCI Jr., D. (1987). “Móbil da memória”, in: D. ARRIGUCCI Jr., *Enigma e comentário – ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras.
- BOSI, E. (1979). *Memória e Sociedade – lembranças de velhos*. São Paulo: Ed. USP.
- GRIECO, A. (1993). “História e biografia”, in: *Evolução da prosa brasileira*. Rio de Janeiro: Ariel, pp. 234-251.
- \_\_\_\_\_. (1948). “Alberto Rangel”, in: *Gente nova do Brasil – veteranos e alguns mortos*. São Paulo: José Olympio, pp. 237-245.
- HARDMAN, F. F. (1998). “Visões de guerra: o Brasil na crise da civilização”, in: LEENHART, J.; PESAVENTO, S. J. (orgs.), *Discurso histórico e narrativa*. Campinas: Ed. da Unicamp, pp. 187-189.
- LE GOFF, J. (1996). *História e Memória*. Campinas: Ed. da Unicamp.
- LEJEUNE, P. (1975). *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil.
- RANGEL, A. *Águas Revessas (1871-1900)*. Originais inéditos depositados no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro; cópias depositadas no CEDAE-IEL/Unicamp: Campinas.